

**A TEORIA *QUEER* EM *JOÃO VÊNCIO*: OS SEUS AMORES, DE LUANDINO VIEIRA**Queer Theory in *João Vêncio*: os seus amores, by Luandino Vieira

Andréa Maria Carvalho Moraes  
 Universidade de São Paulo (USP)  
[amcmoraes@gmail.com](mailto:amcmoraes@gmail.com)

**RESUMO**

Este trabalho tenta mostrar, por meio da recuperação teórica de conceitos relacionados à teoria *queer*, a presença de um olhar que antecipa uma percepção, já durante os anos 60, da fluidez do gênero no romance *João Vêncio: os seus amores*, de Luandino Vieira. Procurando demonstrar as relações entre masculinidade e poder, pela análise do discurso amoroso, são tecidas considerações sobre a literatura e identidades de gênero hegemônicas e subalternas, reconhecendo a capacidade do texto literário em fixar e contestar valores, apresentando-se como campo de fricção de discursos.

**PALAVRAS-CHAVE:** colonialismo; masculinidade; literatura angolana; teoria *queer*.

**ABSTRACT**

This work tries to show through the theoretical recovery of concepts related to Queer Theory, the presence of a look that anticipates a perception, already during the 60's, of the fluidity of the gender in the novel *João Vêncio: os seus amores*, by Luandino Vieira. In an attempt to demonstrate the relationship between masculinity and power through the analysis of loving discourse, considerations are made about literature and hegemonic and subordinate gender identities, recognizing the ability of the literary text to fix and contest values, presenting itself as a field of discourse friction.

**KEYWORDS:** colonialism; masculinity; Angolan Literature; Queer Theory.

Judith Butler (2015), uma das maiores teóricas do movimento *queer*, ensina que a identidade de gênero nada mais é do que uma construção social. Ser homem ou mulher não é algo natural, embora o discurso biológico se esforce em dizer que sim. No entanto, desmascarado por Foucault (2015), esse discurso biológico é contestado pela ideia de que ser homem ou mulher é um aprendizado que ocorre em um contexto cultural, mais precisamente, nos espaços de socialização de um sujeito constituído a partir de uma norma, denominada por Butler como matriz heterossexual, segundo a qual se definem outras identidades como gays, lésbicas e trans. A heterossexualidade teria ganho terreno e se fixado como norma mais fortemente a partir do século XIX, com a ascensão da burguesia ao poder político, a consagração da família nuclear e as necessidades reprodutivas, chanceladas pelo cristianismo, as normas jurídicas, pedagógicas e psicológicas diante da necessidade do controle das populações, destinadas a se comportarem como força de trabalho produtiva para um processo de industrialização e urbanização crescentes, impelido pela revolução industrial e o desenvolvimento do capitalismo.

Ainda de acordo com Butler (2015), qualquer coisa fora da norma, ou seja, da heterossexualidade, tende a ser excluída. Assim, encontram-se à margem desse sistema as identidades gays, lésbicas, bissexuais e trans. No entanto, não há efetivamente uma razão para que homens e mulheres situados dentro da chamada normalidade se vejam exclusivamente como homens e mulheres. Em outras palavras, se o gênero é construído, pode-se desconstruí-lo, indo além de suas limitações. Já que o gênero não é algo natural, não somos obrigados a nos identificar como homens ou mulheres. Não é necessário que nossa identidade se encaixe nessas categorias ou que defina a nossa orientação sexual no regime hétero/homo, tampouco no binarismo homem/mulher.

O *queer* pressupõe uma fluidez da identidade gênero que resulta mesmo numa impossibilidade de fixação em um polo ou no outro do binarismo, subsistindo as categorias “homem”, “mulher”, apenas como fatores de aglutinação de luta política por reconhecimento de direitos. O termo *queer* apresenta vantagens devido a seu caráter inclusivo, abrangendo homens *gays*, lésbicas, bissexuais, transexuais, sadomasoquistas e uma lista potencialmente infinita de outros tipos de alguma forma marginalizados por sua sexualidade.

O termo *queer* pode ser visto como uma forma “orgulhosa de manifestar a diferença”, segundo Pedro Paulo Gomes Pereira (2006, p. 469), professor da UNIFESP. O *queer* pode propiciar a inversão de uma cadeia de repetição que confere poder às práticas autoritárias dentro da matriz heterossexual, buscando uma inversão dessa historicidade constitutiva das identidades de gênero. O *queer* está apto a expressar uma incômoda e inassimilável diferença de corpos e subjetividades que persistem em se fazer presentes.

A invenção das identidades de gênero se dá, entre outros fatores, por meio da linguagem. Para que exista o feminino/masculino, é preciso que elaborem estes conceitos por via linguística, entendendo-se a linguagem como um mecanismo simbólico que gera e reproduz o poder. Formas linguísticas evocam valores com os quais podemos concordar ou não; arrastam cosmovisões das quais podemos ou não partilhar. Para Foucault (apud LUGARINHO, 2012), o discurso seria o lugar onde se articulam o saber e o poder. Quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. E tal fala pode se caracterizar como capaz de montar estratégias para impor uma visão de um emissor investido desse poder institucional. De outro lado, é possível desmontar essa fala por meio daquilo que Deborah Cameron (apud MOURE) chama de higiene verbal, um exercício de depuração linguística destinado a pôr em questão um conceito, enxergando-o de um ângulo distinto, de modo a explicitar a rejeição ao modo pelo qual ele vem corriqueiramente sendo recebido, tentando reinventá-lo na linguagem a partir de uma perspectiva recriadora do conjunto de valores tradicionais que gravitam em torno dele, em choque com o que pensam as mais recentes gerações. Por exemplo, olhar para a preferência por pessoas do mesmo sexo como um assunto social e não clínico, ou para a questão racial como histórica e não genética. Em outras palavras, trata-se de assumir a linguagem como criadora de realidade, não como vestimenta do pensamento, mas como “os tijolos e o cimento com que construímos esses pensamentos”, segundo Teresa Moure (MOURE, p. 76-77). Nesse sentido, o *queer*, como dissemos acima, abarca uma série de marginalizações que ultrapassam inclusive a esfera da sexualidade.

Outro aspecto assinalado por Butler (2015) é a performatividade do gênero. Para ela, o gênero, mais um fazer do que um ser, constitui esse ser, que não existe antes do fazer. O exercício do gênero seria, pois, um ato, um drama social que requer uma performance, entendida como um conjunto de práticas que se manifestam a partir de interpelações sociais. A performance seria uma encenação e repetição de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente, que ritualizam e legitimam o gênero. Mais do que performance, Butler (2015) fala em performatividade, pois aquela pressuporia um sujeito pré-existente ao ato de encenação e esta pressupõe a própria constituição do sujeito no ato da encenação e repetição.

Butler, em matéria de gênero, trabalha com a ideia de precariedade. Para a autora, o fracasso dos indivíduos em encenar suas identidades de gênero social e discursivamente constituídas é que abre as possibilidades de subversão identitária.

Tratamos deste assunto em nossa dissertação de mestrado, em que a partir do estudo das relações entre a masculinidade e o poder, privilegiando a análise do discurso amoroso, com base em Foucault, Butler e Connell, tentamos examinar o conceito de gênero, de masculinidade e a produção de violência a partir das relações de gênero. Procuramos demonstrar como o colonialismo atuou nos territórios africanos de língua portuguesa contribuindo para a produção de hegemonia e subalternidade nas relações entre masculinidades a partir do comportamento do protagonista em *João Vêncio: os seus amores* (1987), de Luandino Vieira, que constitui um contramodelo à masculinidade hegemônica colonial, e à imagem que a então incipiente nação angolana queria ter de si mesma.

Embora produtor de violência de gênero contra sua companheira, Bailunda, por ele flagrada em adultério com um homem branco, Vêncio abriu possibilidades de subversão dentro da ordem de gênero colonial por meio de seu relacionamento homoafetivo com Mimi, garoto e seu colega de escola, que morre apanhando da professora ao ser descoberto beijando o protagonista.

Para Vêncio, Mimi representa uma porta de entrada ao mundo dos afetos, contrariamente ao que vinha ocorrendo até então, em relações em que seu corpo foi testado em diversos jogos sexuais dentro do musseque, onde residia, mas sem uma vinculação emocional positiva. Uma das conclusões a que chegamos, ao final da dissertação, sem no entanto nos determos profundamente no assunto, é a de que Mimi representa um oásis na trajetória amorosa de Vêncio, permitindo um vislumbre de realizações da sexualidade e da homoafetividade em possibilidades mais amplas, experiência brutalmente interrompida pelo assassinato do menino-parceiro na escola, canal de veiculação de uma ordem sexista e homofóbica.

O romance traz a questão, por meio da relação homoafetiva, da instabilidade de gênero, em uma década – anos 60 – sacudida pelo aparecimento da pílula anticoncepcional, pelo movimento hippie, pela segunda onda feminista e pelas rebeliões estudantis de maio de 68, antecipando, em plena guerra colonial, os albores de um olhar *queer*.

Vêncio narra a um interlocutor dentro de uma cela de prisão a história de seus amores, como que para se redimir de suas culpas e reafirmar sua masculinidade. A esse respeito, assinale-se que Luandino Vieira, em texto introdutório ao seu livro *Papéis da prisão*<sup>1</sup>, informa que, em Luanda, onde se misturavam presos políticos como presos de crimes comuns, sempre que algum preso novo entrava, era comum entre eles procurar saber-se a causa que os tinha conduzido ao cárcere. Era corriqueiro contarem mentiras sobre as causas reais, mas entre as causas fictícias “Eram sempre evocadas coisas mais ou menos viris, tipo ter violado uma moça, ou assim.”

Vêncio, preso comum, encontra com seu interlocutor, Muadié, na mesma cela; evoca não só a história de seu crime cometido “por amor”, mas narra uma experiência que coloca em questão o seu discurso erigido em favor de sua masculinidade. Ele assume perante Muadié que nutria intensa afeição por Mimi: “O Mimi, eu não sei mais o nome dele. Nem cara dele, corpo que amei, amámos. O Mimi para mim, hoje, é só isto, muadié: o único que eu digo ‘amigo meu’ e o coração ‘celera” (VIEIRA, 1987, p. 35).

Mimi tinha uma conduta incompatível com os padrões que se esperava de uma criança do sexo masculino:

Não sabia nada, nadinha, para fazer com as mãos. Ele era meu, eu era o dono – e eu era o escravo trabalhador, ele o senhor. Cheguei de desabotoar-lhe para verter as suas aguinhas. A sabedoria dele era só aquela: beleza de flor em seu pé dela. Segurar fiska não podia; armar alçapão não aceitava; abrir buraca não sabia; saltar, correr, subir nos paus, pelejar, xingar cantar, sobiar, jogar, roubar – nada de Deus. O muadié tome nota: ele não sabia tirar rolha numa garrafa, partia, ia para dentro. O senhor ri: Choraria como eu estou chorando: ele é a mais inútil beleza de minha vida. Xamovíssimo amigo. (VIEIRA, 1987, p. 37).

E Mimi cativa Vêncio, por resistir, à sua maneira, às investidas que sofria de outros meninos, do que hoje poderia ser considerado como *bullying*:

Que ele deixou-se cortar os blondes caracóis e bem que mexeu para sacudir os cabelos dos ombros. “Que brutos!” – ele é que disse. “Feios!” E eu fui o que lhe xinguei de lilas, abãfocanário, mariquinhas, primeiro. Pousou os olhos dele nos meus, muito tempo. Os outros esperando a minha decisão. Depois abriu a mão que sempre trazia fechada e estendeu para mim: “Para ti” – só o que ele falou. Era uma

<sup>1</sup> A respeito deste trabalho encontramos apenas os textos introdutórios. Disponível em: [http://static.publico.pt/files/Ipsilon/2016-04-08/Pagesomisda%20Prisao\\_01\\_57.pdf](http://static.publico.pt/files/Ipsilon/2016-04-08/Pagesomisda%20Prisao_01_57.pdf). Acesso em: 20 jun. 2018.

abafadora grande e com um sol a girar dentro dela. Beleza de bilha-abafadora, as cores dela eu só encontro depois da chuva de março com sol, quando o hongolo é todo um só com seu sete estrela de cores. Nesse dia eu lhe acompanhei até na casa dele – no outro canto de baixo de nosso musseque, casarão fugado em meio de jardim com senhora-viúva de luto e seus criados, criadas. O filho único, mimado. Eu que lhe agarrei para saltar o muro – ele não sabia. (VIEIRA, 1987, p. 37)

A partir de então tem início uma amizade em que, publicamente, Vêncio assume a defesa física de Mimi contra os outros garotos:

Mas nem uma lágrima só, ou asneira podre, ralho. Xingávamos: “Você é o mimi?” Ele deixou-se, panhonha, era o cordeiro – e nós judeus. Por isso é que eu pelejei, depois. E pelejava todos os dias. Todos os dias de todas as semanas. Todos os dias de todas as semanas de todos os meses, muitos. Até que o Ginito e os outros, fizemos as pazes: o Mimi era meu, ninguém que podia ofender-lhe, m’ofendia; ninguém que podia lhe mexer – ele era a minha fisga, meus alçapões, meus pássaros e sardões. (VIEIRA, 1987, p. 36)

E essa amizade vai se intensificar de modo a estabelecer entre os dois meninos uma relação que envolve brincadeiras, confidências, troca de carícias e que Vêncio vai chamar de “amorizade” (VIEIRA, 1987, p. 71):

Sentávamos – os nus e o mar. Perto da minha cara achatada o fino nariz dele respirando. “Diz lá: mar!?” E eu dizia meus ás fechados. “Não! Mar!” A boca rosa dele, a espuma das ondas nos dentes. Fazia força, pegava meus beijos, arredondava: “Mar!” Até que deu encontro o búzio amarelo. Ajoelhou diante do meu corpo escurecido, encostou na orelha direita. E eu ouvi a boca dele, a palavra dele no ouvido, no peito, no meu coração. Eu disse: “Mar!” E ele riu. Riu e disse: “Mar!” e eu só gritei: “Mar! Mar!”. Ele levantou, o búzio na mão e eu com ele, abraçado: “Mar! Mar! Mar!”. Até a água que borbulhou nas nossas bocas, íamos indo, unidos, no dentro do maròciano... (VIEIRA, 1987, p. 54).

Ribombar de trovejão e rai-faísca no mar, calema – e nós, pintinhos molhados no escuro da cubata do pescador. Deixámos nossas roupas secar no calor das folhas de coqueiro. E secámos os corpos com nosso sangue quente, queimado. Fizemos frente-a-frente – raivosos de não ser como marido e sua mulher, nossos pitossexos rebitados chocando-se, querendo esconder-se em cada um, cada qual. (VIEIRA, 1987, p. 55).

Essa amizade, porém, teve um desfecho trágico:

Mirou meus olhos, a saca de sisal ‘marelo, desenho verde-azul-violeta-preto de menino com seu cão, seus livros e estudos: “Eu gosto de ti!”. E nos beijámos, nosso secreto. A’fessora carrascuda, velha d’alma, nos agarrou – ela e o continho, nos levaram na retrete. O sangue do meu amigo não sai nunca mais das minhas mãos – eu cobri o corpo dele tarde de mais. Os bofes dele eram fracos, tuberculoso pequenininho. “vertidos” – a cróia cafofa surrava o grunho-negro surrava...

Muadié, choro. Eu nunca mais em minha vida posso ser alegre outra vez – eu não tenho coragem para adiantar contar o resto. É silêncio só: morreu. O morto mais bonito eu vi até hoje, blonde, branco, vivo, sem nódoa de vermelho de sangue em baixo da pele dele. Eu beijei no caixão – xamavíssimo amigo... (VIEIRA, 1987, p. 83).

Mais do que uma homoafetividade em evidência, o que merece relevo na amizade entre Vêncio e Mimi é o quanto a sociedade colonial, não bastassem as hierarquias de classe e raça, erigiu também hierarquias entre masculinidades, numa indisfarçada homofobia, sufocando as possibilidades

de felicidade afetiva a muitos homens – e mulheres - e quiçá malferindo costumes tradicionais das sociedades africanas o que, por carência de registros, não podemos afirmar com segurança.

O fato é que a morte de Mimi em surra aplicada pela professora, mostra os mecanismos fortemente repressores oriundos de uma ordem de gênero europeizada que, já na sua constituição durante o século XVIII estigmatizou tudo que a ela fugia.

De acordo com George Mosse (2000), a heterossexualidade masculina, no seu processo de criação e estabelecimento, tinha necessidade de antíteses para se definir. À homossexualidade se atribuiu uma beleza necessariamente incompleta, com a parte superior do corpo pequena, com olhos nebulosos e a parte baixa de seu rosto como a de um jovem imaturo. A beleza e a honra de um “intruso” tinham que ser necessariamente imperfeitas. Essa ênfase sobre a beleza significava que o início da construção da masculinidade moderna se deu conta de que precisava denegá-la àqueles que estavam destinados a ser o seu oposto. A linha que separava a masculinidade moderna de seus inimigos devia ser claramente marcada com a finalidade de que tal masculinidade, como símbolo de uma sociedade sã, pudesse adquirir força a partir desse contraste. Para Quijano (apud BELIZÁRIO, p. 385), esse processo pode ser entendido como uma

estratégia de hegemonia que criava novas identidades sociais – negros, mestiços, amarelos – que constituem o “Outro” do Branco; e geoculturais – América, África, Oriente – que constituem o “Outro” da Europa, gerando novas intersubjetividades que refletem e ratificam essas organizações de poder ao longo do tempo, que subsistiram ao próprio colonialismo.

O regime colonial autorizou, ainda, um conjunto de pessoas e instituições a promover a ordem e combater aquilo que a ameaçava. Na história de Vêncio, uma dessas instituições é a escola, onde apanha e é testemunha de colegas que apanham. No caso de Mimi, a ameaça à ordem de gênero estabelecida é tamanha que ele acaba martirizado. Paga com o corpo e a vida a ousadia de experimentar usá-los de maneira diferente do habitual, do consagrado como “normal”, “correto”, “ordeiro”, “decente”, “puro”. E a única notícia de represália à professora assassina da escola colonial é sua transferência para outra localidade.

Assim, tem-se que ser homem toma como base não ser outras coisas, tais como não ser mulher ou não ser homossexual. Trata-se de uma identidade gerada por oposição, por negação ou por repetição de gestos estéticos ou de conduta que carecem de originalidade. É uma noção sem conteúdo preciso. O poder dos homens, o poder patriarcal e machista se constrói pelo desprezo contra as mulheres e pelo ódio contra os homens considerados como menos masculinos, os *gays*.

É a partir da relação com Mimi que Vêncio começa a se sentir um homem no universo colonial, porque Mimi é um não-homem. Com ele pode exercitar sua força física, sua bravura, mas também seu afeto, performatizando a masculinidade dentro de uma relação homoafetiva, expondo toda a precariedade de uma identidade de gênero.

Com essa narrativa, Luandino revela um olhar que parte da desconfiança dos sujeitos sexuais como estáveis, atento às hierarquias sociais, classificações e estratégias sociais normalizadoras de comportamentos.

O escritor denuncia a ilusão de sujeitos estáveis, de identidades sociais e comportamentos coerentes e regulares.

Embora escrito em um período anterior à independência, o romance *João Vêncio: os seus amores*, filosoficamente, se situa no campo da pós-colonialidade, que tal como a teoria *queer*, deriva dos estudos culturais e está preocupada em colocar em xeque formas canônicas de compreender desigualdades sociais, até então baseadas numa ortodoxia marxista economicista que deixou de ser suficiente para dar conta de todos os grupos que compõem a diferença, tais como imigrantes, negros, feministas e outros, somados aos operários. A esse respeito, Richard Miskolci, citando Preciado, assinala:

A crítica pós-colonial e *queer* responde, em certo sentido, à impossibilidade do sujeito subalterno articular a sua própria posição dentro da análise da história do

marxismo clássico. O *locus* da construção da subjetividade política parece ter se deslocado das categorias tradicionais de classe, trabalho e da divisão sexual do trabalho para outras constelações transversais como podem ser o corpo, a sexualidade, a raça, mas também a nacionalidade, a língua, o estilo ou, inclusive, a linguagem. (MISKOLCI, p. 8)

Em termos de escrita literária, Luandino evidencia em seus procedimentos, para além do trabalho com a oralidade já destacado em outros textos no universo da crítica, um *ethos* que desnaturaliza a construção do corpo, colocando em questão uma episteme branca, heterossexual e masculina. Ao denunciar a construção da abjeção no mundo masculino colonial, evidenciando um vínculo entre uma narrativa social mais ampla e Literatura, como veículo de transmissão, mas também como possibilidade de ressignificação de valores culturais, o autor realça a relação entre a experiência corporal e a palavra escrita, usando recursos literários por onde fluem manifestações identitárias alternativas. A leitura torna-se escuta das diferenças.

O autor mostra que a heterossexualidade, já no regime colonial, é mais do que um regime destinado a produzir corpos heterossexuais. Na interseccionalidade com a raça, ela é um dispositivo que constitui, no dizer de Preciado (apud BELIZÁRIO, p. 388), uma sexopolítica para normalização das identidades sexuais: “Uma sexualidade qualquer implica sempre uma territorialização precisa da boca, da vagina, do ânus [...] Capitalismo sexual e sexo do capitalismo”.

Por fim, convém lembrar que o dilema das identidades, inclusive de gênero, está relacionado aos dilemas identitários da própria nação, pressupondo esta como uma comunidade imaginada que se constrói por meio de estratégias discursivas, compostas por imagens, panoramas, cenários, de eventos históricos, e procuram estabelecer uma experiência compartilhada, realçando a ideia de origem comum, de continuidade e de tradição compartilhada, o que exige da diferença, para ser exercida e visibilizada, uma contínua reinvenção do corpo, da sexualidade e do gênero, inclusive o literário.

## Referências

- BELIZÁRIO, Fernanda. *Por uma teoria queer pós-colonial: colonialidade de gênero e heteronormatividade – Ocupando as fronteiras e espaços de tradução*. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/43727>. Acesso em: 29 set. 2020.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CONNELL, R. W. *Masculinities*. Berkley: University of California Press, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- LUGARINHO, Mário César. *O homem e os vários homens: masculinidades nas literaturas africanas de língua portuguesa*. 2012. 200 f. Tese (Livre docência em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- MISKOLCI, Richard. *A teoria queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização*. Disponível em: [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/prog\\_pdf/prog03\\_01.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf). Acesso em 29 set. 2020.
- MOSSE, George Lachmann. *La imagen del hombre*. Madrid: Talasa Ediciones, 2000.
- MOURE, Teresa. Xénero e Linguaxe: unha cuestión estancada. In: *Queer-emos un mundo novo*. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/300311>. Acesso em: 29 set. 2020.
- PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. A teoria queer e a reinvenção do corpo. In: *Cadernos Pagu* (27), jul./dez. 2006, p. 469-477. Disponível em: <http://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/3412/S0104-83332006000200020.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 set. 2020
- VIEIRA, Luandino. *João Vêncio: os seus amores*. Lisboa: Edições 70, 1987.

Recebido em: 30 set. 2020.

Aprovado em: 21 out. 2020.